



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOPEDAGOGIA**



PRISCILA SILVA CABRAL DE VASCONCELOS

VIOLÊNCIA ESCOLAR E ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

**JOÃOPESSOA
2014**

PRISCILA SILVA CABRAL DE VASCONCELOS

VIOLÊNCIA ESCOLAR E ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba-UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientadora: Prof. Ms. Tânia Lúcia de Amorim
Colella

João Pessoa
2014

V331v Vasconcelos, Priscila Silva Cabral de.

Violência escolar e atuação pedagógica / Priscila Silva Cabral de Vasconcelos. – João Pessoa: UFPB, 2014.

59f.

Orientador: Tânia Lúcia de Amorim Colella

Monografia (graduação em Psicopedagogia) – UFPB/CE

1. Violência escolar. 2. Família. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.06 (043.2)

PRISCILA SILVA CABRAL DE VASCONCELOS

APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Tânia Lúcia de Amorim Colella UFPB (orientadora)

Prof. Ms. Márcia Paiva de Oliveira UFPB (membro)

Prof. Ms. Célia Chaves UFPB (membro)

Com muito amor e gratidão dedico a Deus e aos meus pais Angela Elizabete e Guilherme Cabral por toda confiança e investimento que em mim sempre foi e é depositada. Minha eterna gratidão.

Sonhem, ainda que o sonho pareça impossível.
Lutem, ainda que o inimigo pareça invencível.
Suportem a dor, ainda que esta pareça insuportável. Percorram por onde os bravos não ousam percorrer. Transforme o mal em bem, ainda que seja necessário caminhar mil milhas. Amem o puro e o inocente, ainda que seja inexistente. Resistam ainda que o corpo não resista. E, no final, alcançarão aquela estrela, ainda que esta pareça inalcançável.

Daisaku Ikeda

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de estar terminando um curso superior, por ter me dado força e sabedoria nos momentos difíceis enfrentados no decorrer da vida acadêmica.

Agradeço aos meus pais Angela Elizabete S. Cabral de Vasconcelos e Guilherme Cabral de Vasconcelos, pelo apoio, pelo exemplo de família estruturada, pela compreensão nos momentos de estresse, pelas palavras de incentivo, sempre fundamentadas na palavra do nosso Senhor Jesus.

A minha cunhada Priscila Maria S. Cabral, pela ajuda e conselhos na minha vida acadêmica e pessoal. Agradeço ao meu irmão Conrado S. Cabral de Vasconcelos, pelo exemplo de irmão mais velho e de determinação. Também fico grata pela ajuda em pequenos acontecimentos no decorrer do curso.

Ao meu namorado Rafael da Silveira Diniz, pela compreensão da minha ausência em alguns momentos, pela atenção e preocupação durante a construção desse trabalho monográfico.

Agradeço ao meu cachorro Max, por ter feito companhia em todos os momentos de dedicação da minha vida, inclusive os em que estive produzindo este trabalho. Agradeço pelos momentos de distração e risadas provocados pelo mesmo.

As minhas amigas Lívia Maximino e Karoline Marylin dos Santos, que me fizeram companhia nos momentos bons e ruins. Agradeço pelos momentos engraçados, de carinho, de amizade e pelos momentos de comilança também.

A célula de jovens da primeira igreja batista, que estiveram orando, me apoiando e se preocupando com a construção e o término dessa trabalho. Agradeço as amizades que foram construídas durante esse tempo. Os momentos de reunião com vocês foi de grande incentivo.

Agradeço a minha orientadora Tânia Lúcia de Amorim Colella, pelo apoio, por ter me acalmado várias vezes e pela excelente orientação a qual me foi dada. Sem a sua grande contribuição jamais teria chegado aqui. Obrigado.

A minha gratidão a professora Marcia Paiva de Oliveira, por ter me dado a oportunidade de trabalhar junto com ela no projeto de extensão, pelo apoio nos momentos difíceis, pelas palavras encorajadoras e pelos abraços nos momentos de aflição. Jamais esquecerei.

Aos professores Magno Alexon e Mariana Oliveira, pela oportunidade de ter trabalhado junto com vocês no projeto da monitoria, pela confiança que em mim foi depositada durante esse momento que estivemos mais próximos. Todos vocês contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

Esse estudo perspectivou compreender o fenômeno da violência escolar e os malefícios que pode causar ao processo de aprendizagem, buscando identificar possibilidades de atuação psicopedagógica. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo exploratória, descritiva, de campo, bibliográfica, levantamento e estudo de caso. Os dados foram coletados em uma instituição escolar de uma comunidade considerada violenta, usando como instrumento questionários aplicados à uma amostra composta por alunos do ensino fundamental, do sexto ao nono ano, de faixa etária entre catorze e dezoito anos. O objetivo foi conhecer o fenômeno da violência escolar e possibilidades de contribuições psicopedagógicas. Para tanto, buscamos caracterizar a violência escolar, identificando causas e condicionantes do fenômeno; Compreender a relação entre violência e as dificuldades de aprendizagem; E por fim, propor alternativas Psicopedagógicas para minimização das dificuldades de aprendizagem em situação de violência escolar. Esperamos contribuir ao elaborar proposta de atuação Psicopedagógica voltada para a minimização das dificuldades de aprendizagem em situação de violência escolar. Criar e oferecer conhecimentos e técnicas que ajudem a diminuir o insucesso nas aprendizagens escolares de crianças e adolescentes maculadas pela violência.

Palavras – Chave: Violência. Violência escolar. Família. Psicopedagogia.

ABSTRACT

This study perspective understand the phenomenon of school violence and the harm it can cause to the learning process in order to identify possibilities psychopedagogic performance . A qualitative study , the exploratory , descriptive , field , literature , survey and case study . Data collected in a school institution of a community considered violent using questionnaires as a tool to sample of elementary school students from the sixth to ninth grade , at age two eighteen p.m. years. The objective was to understand the phenomenon of school violence and possibilities of psycho-pedagogical contributions . Both seek to characterize school violence , identifying causes and conditions of the phenomenon ; Understanding the relationship between violence and learning disabilities ; And finally, propose alternatives Psychopedagogical to minimize learning difficulties in situations of school violence . We hope to contribute elaborating proposed psychoeducational activities aimed at minimizing learning difficulties in situations of school violence . Create and offer knowledge and techniques that help reduce failure in school learning of children scarred by violence.

Key - Words: Violence. School violence. Family. Psychopedagogia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Identificação do número de estudantes que provocaram uma atitude violenta com algum colega dentro da sala de aula.....	42
Gráfico 02- Número de estudantes que provocaram atitudes violentas fora da sala de aula (área externa).....	43
Gráfico 03- Número de estudantes segundo o costume de provocar colega na sala de aula ou no colégio.....	44
Tabela 01- Referente ao número de estudantes que já sofreu algum tipo de violência, podendo ser física ou verbal.....	45
Gráfico 04- Número de estudantes que já presenciou algum tipo de violência na escola.....	47
Gráfico 05- Opinião dos alunos sobre a preparação da escola para lidar com o assunto da violência.....	48
Gráfico 06- Número de estudantes sobre o comportamento adequado dos professores diante uma situação de violência.....	50
Gráfico 07- Número de estudantes segundo a existência de algum trabalho na escola voltado para a violência.....	51
Gráfico 08- Número de estudantes sobre a importância de um trabalho na instituição de ensino, voltado para a violência escolar.....	52
Gráfico 09- Número de estudantes segundo a melhoria do relacionamento entre colegas de escola se existisse um trabalho sobre a violência escolar.....	53

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR E A IDENTIFICAÇÃO DE SUAS CONDICIONANTES.....	14
2	COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA FAMILIAR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	25
3	ALTERNATIVAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A MINIMIZAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	30
4	METODOLOGIA.....	38
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	40
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS.....	57
	APÊNDICES.....	60

INTRODUÇÃO

A violência presente em toda a sociedade, e em alguns setores sociais com mais ênfase, tem causado sérios danos físicos, psicológicos muitas vezes afetando a condição de aprender. Nesse trabalho buscamos compreender as possibilidades psicopedagógicas de ajuda a alunos que sofrem interferências do ambiente social/familiar e escolar violento em sua condição de aprender.

Tivemos como proposta de trabalho, compreender o fenômeno da violência social/familiar/escolar e os malefícios que esta pode trazer ao processo de aprendizagem, buscando propor possibilidades de atuação psicopedagógica na problemática. O interesse pelo tema despertou em nós as interrogações: O que causa a violência escolar? Como ela se apresenta? A violência escolar prejudica a aprendizagem? O psicopedagogo pode atuar ajudando a vítima e o causador? Quais são as possibilidades de intervenção psicopedagógica?

Buscando responder as questões acima sobre o fenômeno da violência, pesquisamos sobre esta temática tão presente na sociedade e na vida escolar. Em estudos introdutórios sobre a problemática, encontramos muitas pesquisas buscando entender como a violência se tornou tão presente dentro da escola. Contudo, nos deparamos com a escassez de publicações acerca da atuação do psicopedagogo na problemática da violência escolar. Portanto, perspectivamos evidenciar a importância e as possibilidades do profissional da Psicopedagogia atuando em dimensão preventiva e corretora nas demandas de comprometimento de aprendizagem pela violência escolar.

O interesse em investigar sobre a violência escolar surgiu da convivência em instituição escolar, durante o Estágio Supervisionado, quando pudemos observar e presenciar atos de extrema violência de alunos para com colegas e professores. O estágio foi desenvolvido em instituição escolar de uma comunidade da cidade de João Pessoa, Paraíba, considerada violenta, na qual uma viatura da polícia ficava, permanentemente, na porta da escola. Verificamos que havia uma

preocupação dos professores e coordenadores em relação a essa problemática escolar, contudo, esses não visualizavam alternativas para solução/minimização do problema.

A partir das situações vivenciadas na escola, surgiu o interesse de pesquisar sobre o fenômeno. Uma revisão bibliográfica para esse estudo nos permitiu estruturar valiosas contribuições teóricas para iluminar o fenômeno. Dos autores Chauí, Camacho, Teles e Melo utilizamos o conceito de violência e tipos que podem ocorrer no âmbito escolar. Dentre os pesquisadores da Psicopedagogia usamos os conceitos trabalhados por Olívia Porto, Jorge Visca e García Sánchez, dos quais adotamos conhecimentos sobre possibilidades de intervenção Psicopedagógica adequadas à problemática.

O estudo realizado tem relevância social, por trazer benefícios à sociedade em geral, e especificamente, à escola, ao aluno, ao professor e às famílias. Também tem relevância científica por ter a possibilidade de gerar novos conhecimentos acerca da promoção da aprendizagem, em contextos marcados pela violência escolar. E, por fim, tem relevância acadêmica pela possibilidade de contribuir para o conhecimento acerca do processo de aprendizagem, facilitando e inovando práticas acadêmicas possibilitadoras de aprendizagens exitosas em contextos desfavoráveis.

Esta pesquisa de cunho qualitativo foi desenvolvida como exploratória, descritiva, de campo, bibliográfica, levantamento e estudo de caso. Coletamos dados na instituição escolar, usando como instrumento questionários aplicados à amostra composta por alunos de faixa etária entre catorze e dezoito anos.

Portanto, trabalho teve como objetivo conhecer o fenômeno da violência escolar e as possibilidades de contribuições psicopedagógicas.

Tendo em vista ainda os objetivos específicos que são a caracterização da violência escolar, identificando suas causas e condicionantes; Compreender a relação entre violência familiar e as dificuldades de aprendizagem e ainda propor alternativas Psicopedagógicas para a minimização da violência escolar.

1. CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR E A IDENTIFICAÇÃO DE SUAS CONDICIONANTES

Na vida em sociedade, é exigido do homem um comportamento em conformidade com as normas que regem seu grupo social. Tal adequação constitui uma ação orientada, compreendida dentro dos limites de comportamento por ela permitidos ou delimitados. As ações em discordância com essas normas se constituem em delitos reprovados, em maior ou menor grau, pela sociedade em função de sua gravidade.

Segundo a Organização Mundial da saúde (2002),

A violência ocorre quando existe o uso intencional de força física ou do poder real em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo, uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002,p.5)

A violência tem sido comum em meio a população de maneira geral. Erra quem pensa que a violência está vinculada apenas a pobreza e aos grandes centros urbanos. Na atualidade, podemos perceber o crescimento das práticas da violência entre os jovens de classes médias e de segmentos privilegiados da sociedade, nos seus diferentes espaços de atuação: na família, na escola ou na rua.

Tomando o conceito em que:

Violência, em seu significado mais frequente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e domínio [...] É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano. TELES E MELO, 2002, p.15

Nessa perspectiva a violência, na maioria das vezes, caracterizada pela utilização da força física, pode também se expressar de outras maneiras, como verbalizada, capaz de afetar o ser psicológica e intelectualmente. No decorrer do texto aprofundaremos mais sobre os tipos de violência.

O tema violência é tratado pela mídia de forma sensacionalista e até mesmo banal e frívola, em que corriqueiramente inúmeros casos de violência acontecem, sendo ou não registrados nos órgãos competentes, tornando-se tema relevante e indispensável nos meios de comunicação.

O conceito de violência não é erudito pela sociedade, percebe-se que a grande maioria da população entende que a violência é confirmada, quando alguém comete um ato de maneira agressiva a atingir ou violar a compleição física de outrem, ou que acarrete traumas ao emocional, ou perpetrar abuso sexual.

A violência é caracterizada pelo cessar, pela quebra da probidade das diversas formas como ela se apresenta, seja ela: moral, física, sexual, emocional, Onde cada uma dessas formas, não se perpetra sem a presença de uma outra forma de violência, no caso da emocional que se faz presente quando se concretiza qualquer outra forma de violência (SAFFIOTI, 2004, p.75).

Caracterizada pelas suas diversas formas, que vai além do que é conhecido pela camada popular brasileira, a violência não se qualifica como uma conduta nova em meio a sociedade, nem em ambiente familiar. A violência é um tema que foi integrado a sociedade e vem se expandindo com o passar do tempo.

Também é conhecida como um fator grave, de caráter social, a violência é algo banalizado por uma camada popular, que a denota como qualquer forma que atinja a integridade física de uma pessoa, porém é certo que vai além da agressão física, a violência é histórica e se configura por diversas maneiras. (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013, p.5).

A violência sempre esteve presente nos sistemas impostos nas sociedades, tanto no tempo de barbárie, até os nossos dias. No entanto, nas sociedades em que não havia a busca pela acumulação de lucros, exploração da força de trabalho, as pessoas aquinhoavam o que colhiam e caçavam, ajudavam o próximo e praticavam menos malefícios ao outro. Porém, transformações ocorreram, e originou-se a busca por algo.

O relatório da Organização Mundial da Saúde (2002), descreve a violência como um problema possível de prevenir. Não considera que pelo fato de ter

estado sempre presente na sociedade, o mundo precisa aceitá-la como parte inevitável do mundo atual. Concomitantemente, com a presença da violência, o documento afirma ter existido sistemas religiosos, filosóficos, comunitários e legais que se desenvolveram para prevenir ou limitá-la. O fenômeno da violência, portanto, é considerado preventivo e possivelmente apto à redução de seus impactos da vida das pessoas.

Na sociedade contemporânea, a violência é um fato banal e que a situação somente tende a piorar, não se pensa que há solução para as distorções, tornou-se natural e parte integrante de uma sociedade que desacredita em política, justiça e autoridades. No entanto, percebe-se que a violência está muito além do que apenas atos agressivos, assaltos, assassinatos. Além de suprir as necessidades básicas, e uma nova fase inicia-se a exploração do homem, (SOUZA, 2006).

A violência pode ser entendida como uma ação que se produz e reproduz por meio do uso da força (física ou não) e que visa se contrapor ou até mesmo destruir a natureza de determinado ser ou de um grupo de seres, fazendo com que o do violentador reine sobre o ponto de vista do violentado. A dinâmica da violência contempla, ao mesmo tempo, as esferas individual e coletiva, envolvendo pessoas, grupos e classes sociais. Ressalta-se que um ato ilegal, uso criminal da força, mas de forma mais ampla, dentre outros, inclui também a exploração, a discriminação e a manutenção de uma estrutura econômica e social desigual, a criação de uma atmosfera de terror e ameaça. (SOUZA, 2006, p.25)

Destarte, o Brasil se configura um país altamente violento e um desses avanços está relacionado com o avanço do sistema de tecnologia, que foi acentuando as desigualdades sociais, a pobreza e a miséria, gerando mais riquezas para os ricos; bem como, também o modelo neoliberal que lançou políticas fragmentadas, reduziu os direitos sociais, fez a transferência das políticas sociais sob a responsabilidade do Terceiro Setor.

As pessoas acreditam que só existe uma forma de violência, aquela que deixa marcas visíveis, porém, a violência se apresenta de várias formas e que precisam ser difundidas, para que todos possam conhecer os seus direitos e não permitir a violação deles.

A mídia sensacionaliza os assassinatos em série, os assaltos, sempre só culpabilizando o sujeito, no entanto, não se divulga as outras formas de violência que a sociedade está exposta.

A violência física é perpetrada com o uso de objetos perfuro-cortantes, contundentes ou por meio da força física para atingir uma pessoa, provocando hematomas, arranhões ou até mesmo causando lesão a integridade física da pele, sufocamentos, chegando até mesmo ao ponto de levar a vítima a óbito. A violência é caracterizada por um crime, no qual muitas vezes a vítima não registra uma denúncia por sentir-se ameaçada. (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2013,p.5).

Abordaremos a seguir algumas considerações acerca da violência em seus diversos formatos. Uma delas é a psicológica, vivida por muitas pessoas, geralmente, praticada por meio de difamações, aviltamento, intimidações, humilhação para a vítima. De acordo com o código penal, difamar e caluniar é crime. É comum este tipo de violência vir atrelada a outra forma de violência.

O assédio moral, outra forma de violência, é bastante frequente, perpetrado no meio familiar e fora deste, é um tipo de violência psicológica, imputando a pessoa de humilhações, difamações, aleive, desmoralizando-a e agredindo moralmente. É manifesto também nos locais de trabalho em que superiores (líderes, patrões) aproveitam-se da situação que as vítimas se encontram, necessitando do trabalho, submete-as à degradação do ser. (SOUZA, 2006).

Já a violência sexual, a vítima é abusada, obrigada a manter relações sexuais com o agressor. Este é um crime inafiançável perante a lei (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013 p.5). A violência sexual, muitas vezes é silenciada por vergonha, medo, insegurança, falta de informação quanto aos seus direitos, entre outros fatores que contribuem para que inúmeros casos continuem ocultos.

Outra forma de violência muito presente em nossos dias é a violência

intrafamiliar, não é popularmente conhecida, mas chega a ser atrelada ao conceito de violência doméstica. O tipo de violência intrafamiliar pode ou não acontecer no interior do lar familiar, é configurado como atos praticados entre parentes, sejam eles de 1º grau, de grau mais distante e até mesmo por agregados familiares e que resulte em lesões física, psicológica, mental, moral, social, patrimonial (SOUZA, 2006).

Não é tão conhecido como um tipo de violência, mas vem a ser confundida e relacionada com a violência doméstica. Porém é um tipo de violência também muito presente no seio familiar, é difícil não conhecer uma família que nunca passou por esse processo. Um dos modos apresentados é o abandono dos filhos ou dar responsabilidades a esse, que eles ainda não são capazes de cumprir. É impedir que o menor cresça conforme deve ser, proibir coisas que lhe são de direito. Uma forma de violência, que pode ser gerado de pequenos problemas e, com o tempo, causar desgastes de maior proporção nas relações entre pais e filhos, desencadeando discussões, brigas, desentendimentos, podendo chegar a morte de um dos envolvidos.

A violência intrafamiliar acontece também em um meio adulto, não somente de pais com filhos. No entanto, é destaque na sociedade vermos filhos matando pai, um caso muito conhecido é o da Suzane Von Richthofen, que não matou os pais, porém, planejou e foi executado pelo namorado e cunhado, proveniente de problemas no meio familiar, chegando a ser acusada de ter realizado para obter a herança e poder ter uma vida satisfatória com o namorado que não tinha o apoio da família.

Como podemos ver, a temática violência é bastante ampla, sendo debatido em todos os campos do meio social. Infelizmente a violência tornou-se parte da vida dos indivíduos, estando presente no seu cotidiano, seja no trabalho, nas ruas, no trânsito e tendo chegado ao mundo escolar.

Segundo o dicionário Aurélio, violência é o caráter de ser violento, podendo ter uma ação violenta. Causa uma opressão, tirania, podendo causar constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém.

Segundo Chauí (1998), a violência pode ser observada em atos concretos de agressão, destruição, transgressão de regras e ainda sob o uso da força de forma sutil, oculta, pelo uso da intimidação. Ou seja, não se trata tão somente de abusos físicos, mas de uma circunstância que reprime e violenta gradualmente, às vezes, de forma quase imperceptível.

1. Tudo o que abrange a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2. todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. Todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e com um direito; 5. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. (CHAUI 1998 p. 33-34).

Com o decorrer da evolução social a palavra violência foi ganhando diferentes significados, cada um deles baseando-se no momento sócio-histórico-político vivido pela sociedade, logo, podemos dizer que estudar este tema não é apenas conhecer os significados que a palavra violência possui, mas sim compreender o contexto social que os sujeitos estão envolvidos e suas concepções e valores.

Nesta linha de ideias, a violência é um problema social grave que atinge toda a população e precisa ser estudada de diferentes maneiras. A importância do tema não pode ser encoberto pela cotidianidade. Existem várias definições de violência, mas, como comenta Koller (1999), todo ato de violência tem em comum o fato de ser caracterizado por ações e, ou omissões que podem cessar, impedir, deter ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos. Tal autora assinala que existem três papéis no ato da violência, que podem ser confundidos, mesclados ou não: o papel de vítima, o de autor e o de testemunha.

A violência tem alcançado todas as esferas da sociedade e uma dessas esferas tem sido a escola, que rotineiramente tem sido alvo da mídia por protagonizar cenas de extrema violência. Tais cenas tem chocado a sociedade, já que a escola é tida como espaço de formação do cidadão. A escola é um lugar

privilegiado para refletir sobre as questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos, bem como as relações que se dão na sociedade. É também nesse universo que a socialização, a promoção da cidadania, a formação de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal podem ser incrementados ou prejudicados (MARRIEL, ASSIS, AVANCI e OLIVEIRA, 2006).

Estudando a temática, Camacho (2000) aponta duas formas básicas de violência na escola: física (brigas, agressões físicas e depredações) e não física (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento), sendo a última, muitas vezes, disfarçada, mascarada e de difícil diagnóstico. Essas experiências aniquiladoras ocorrem nos diversos níveis de relações, podendo ter como agente tanto alunos como professores e funcionários, em seus diversos arranjos, quer como protagonistas quer como vítimas.

A violência, na sua forma explícita de manifestação nas escolas, é combatida, criticada e controlada por meio de punições. Entretanto, a violência mascarada passa impune, ou porque não é percebida como tal e é confundida com a indisciplina, ou porque é considerada pouco grave, isenta de consequências relevantes, ou, finalmente, porque não é vista. Essa violência pode se tornar perigosa porque não é controlada por ninguém, não possui regras ou freios e porque passa a ocorrer constantemente no cotidiano escolar. De tanto acontecer, ela passa a ser banalizada e termina por ser considerada “naturalizada”, como se fosse algo “normal”, próprio da adolescência. A banalização da violência provoca a insensibilidade ao sofrimento, o desrespeito e a invasão do campo do outro. (CAMACHO 2007)

Muitas vezes, a violência pode ser confundida com agressão e indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar. A violência no ambiente escolar têm um tipo identificado como bullying sendo um dos comportamentos agressivos observados atualmente na instituição de ensino. O bullying é a violência verbal, física ou psicológica causada na escola por um ou mais agressor, afetando um indivíduo ou um grupo. O bullying escolar segundo (GUARESCHI, 2008, p. 17):

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a auto-estima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. Muitas

crianças vítimas do bullying desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar a escola quando esta nada faz em defesa da vítima.

A palavra Bullying é de origem inglesa, a qual foi utilizada por diversos países para conceituar comportamentos anti-sociais e agressivos. Esse tipo de violência geralmente acontece entre alunos, sendo um conjunto de comportamentos maldosos, intimidadores e repetitivos.

Lopes Neto (2005) destaca o caráter repetitivo do bullying, tendo seu caráter internacional e sem motivação evidente, assim como a diferença social e com a desigualdade de poder entre os envolvidos. Para o autor, o bullying,

Compreende todas as atividades agressivas intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. (LOPES NETO, 2005, p.165).

O bullying é causador de grandes consequências no ambiente escolar, afetando todos os envolvidos. As crianças que sofrem esse tipo de violência poderão crescer com sentimentos negativos, baixa-estima, podendo tornar-se adultos com problemas de relacionamento e outros de dimensão psicológica. De acordo com Fante (2002), muitas vítimas passam a ter um baixo desempenho escolar, uma queda no rendimento, déficit de concentração, dificuldades no processo de aprendizagem, resistência ou a falta de interesse de ir para a escola.

Monteiro (2008) afirma que, o bullying não é um fenômeno novo, porém tem sido reconhecido há alguns anos como um causador de danos e que merece medidas específicas para a sua prevenção e intervenção no âmbito escolar. No cotidiano da escola, enfrentam-se questões sociais complexas e singulares, no qual o conhecimento pedagógico, psicológico ou psicopedagógico não consegue enfrentar sozinho. Precisa-se unir saberes para poder trabalhar com essa questão.

A relação entre violência e escola é discutido por Njaine e Minayo (2003) uma vez que, cabe à instituição escolar refletir e discutir temas que afligem a

humanidade em seu cotidiano, dentre os quais se destacam a violência, suas formas de prevenção e as possíveis repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente. Essa responsabilidade social se deve, em parte, ao reconhecimento de que a esfera de convivência repercute diretamente na socialização infanto-juvenil, além de ser, juntamente com a família, espaço crucial para defesa dos direitos humanos.

Entendemos que a violência é o resultado de uma série de fatores conjurados, de distintos aspectos, ou seja, aspectos individuais, biológicos, relacionais, culturais, ambientais, influenciados pelo contexto sócio-político e econômico, a realidade nos leva a considerar a necessidade de se lançar mão de um modelo que explique a dinâmica da violência no cotidiano das relações. Refletindo sobre isso, pensamos que o modelo ecológico revela-se bastante eficiente nessas explicações sobre a violência. Este modelo une os fatos da história pessoal e os aspectos biológicos que o indivíduo carrega consigo mesmo, desta forma, ele irá determinar o seu modo de viver, se comportar e se relacionar com outras pessoas.

Diante de toda essa problemática, nos indagamos como a violência chegou na instituição escolar, violência esta que se desenvolve tanto externa quanto internamente à escola, alterando as relações e dificultando a interação entre os atores principais professor/aluno. Devemos levar em conta influências tanto de variáveis exógenas relacionadas ao sistema econômico, a desestruturação familiar, as políticas públicas, etc; quanto as variáveis endógenas, associadas ao grau de organização ou desorganização local, os métodos e padrões de cada escola (LOPES e GASPARIN, 2003, p.303).

Segundo Njaine e Minayo (2003), a escola tem o papel de mediadora, e cabe a ela, conjuntamente à família, ampliar o diálogo sobre a questão da violência:

A família e a escola têm sido historicamente a bases da educação de crianças, adolescentes e jovens e da inserção social desse grupo. A negação do diálogo, as formas de violência física, sexual, moral e psicológica contra esse grupo etário que ocorrem muitas vezes no âmbito

intrafamiliar podem refletir na vida escolar sob a forma de comportamentos agressivos ou mesmo apático dos alunos, desafiando os educadores para o enfrentamento dessa problemática. Diante da violência, o desafio maior é o reconhecimento da complexidade de suas manifestações, sem reduzi-la a uma única fonte. O lugar da escola, como fonte privilegiada de mediação assim como o da família possibilita uma atuação ampla no campo da prevenção da violência. Mas é necessário que essas instituições caminhem juntas, buscando principalmente estabelecer uma relação respeitosa com os jovens.

Um aluno pode se tornar violento por diversos motivos, sendo um destes a influência do meio social em que vive. O comportamento violento dos alunos nas escolas, muitas vezes tem sido um espelho do que ele convive em sua própria casa. Um lar desestruturado pode causar sérios danos no emocional de uma criança, na qual irá demonstrar a influência desses problemas na escola, com os colegas e com os professores.

O aluno que manifesta um comportamento violento na escola nos remete a ideia de que o agente estressor ou agressor está junto ao aluno. Essa identificação requer cuidado e aproximação da família do aluno. Diante desta situação temos uma violência intrafamiliar, a qual é um fenômeno construído historicamente e culturalmente, que poderá resultar em severas consequências físicas, emocionais e sociais. É essa influência negativa que faz com que o aluno seja violento e acabe prejudicando a sua aprendizagem ou a aprendizagem de outros colegas dentro da sala de aula.

Antes de qualquer julgamento do aluno violento, o profissional que irá trabalhar perante essa problemática precisa investigar a causa que faz com que esse esteja agindo de forma inadequada dentro da sala de aula, com os colegas ou com os professores. Logo, o papel da escola e da família onde a criança está inserida é de fundamental importância para a descoberta do sujeito. Um elo entre essas três pontes (escola, aluno e família) deverá sempre existir para que a criança tenha um desenvolvimento escolar e psicológico adequado.

2. COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA FAMILIAR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A violência é um problema da sociedade em geral que está presente também nas escolas, repercutindo na vida de um aluno. Defrontar com tal realidade nos coloca a necessidade de entender a relação entre a violência e dificuldade de aprendizagem. Este foi o ponto de partida para a realização desse estudo.

A violência pode ser desenvolvida de várias maneiras, atingindo diretamente o aluno e interferindo de forma negativamente em seu aprendizado. Podemos dizer que não existe apenas um motivo existente fazendo com que a violência esteja presente no meio escolar, uma vez que estes são múltiplos. Enunciamos alguns como: as características do indivíduo (genética, sexo, idade, etnia, história de vida e dinâmica familiar).

Segundo Aléssio (2007), a violência na escola não é só física, intelectual ou econômica, há nela um tipo de violência velada, violência ideológica, que tem como propósito a indução de valores de uma classe social sobre outra; é aquela que tem pouca visibilidade, mas que ocupa praticamente todos os espaços. Este tipo de violência que se faz de forma dissimulada, principalmente pela ação pedagógica e é chamada de violência simbólica, tendo assim origem na teoria de Pierre Bourdieu (1975)

Um aluno sofrendo qualquer tipo de violência citada acima, geralmente, passa a apresentar declínio em seu desempenho. A aprendizagem exige compreensão e apreensão dos conteúdos, processo não desenvolvido em condições desfavoráveis e dessa forma o aprendente tem assimilação parcial ou até inexistente.

Tivemos como alvo, focalizar na influência que um meio social violento pode interferir na vida de uma criança. Quando um aluno tem uma família desestruturada ou violenta, provavelmente ele desencadeará atos de violência na escola, podendo ser, contra os colegas de sala ou professores. As consequências

podem ser muito sérias, pois crianças e adolescentes aprendem com cada situação que vivenciam. É nesse sentido que FANTE e PEDRA, (2008, p. 93) destaca que:

Se os pais permitem ou reforçam abertamente a agressão, é possível que as crianças se comportem agressivamente em casa e, por generalização, em outros lugares em que sintam ser a agressão permitida, esperada ou encorajada. A presença de um adulto permissivo favorece a expressão do comportamento agressivo.

Diante disso, tivemos como prioridade de pesquisa estudar e discutir sobre a violência familiar compreendida como a mais influente - na realidade pesquisada para o desenvolvimento de um caráter violento em um indivíduo, podendo fazer com que o mesmo desenvolva atos de agressão perante o meio em que vive, sendo a escola o estudado.

Minayo (1999) afirma que:

A família é uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem as relações primárias e se constroem os processos identificatórios. É também um espaço em que se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases de poder (p. 83).

Podemos dizer que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é o centro da vida social. A educação familiar bem sucedida serve de apoio à criatividade e ao comportamento produtivo escolar. A família tem sido, e será, a matriz do desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. Pois, é no seio familiar que a criança tem seu primeiro contato com outros indivíduos.

A criança precisa sentir-se segura, estável, amada e compreendida para poder evoluir nos processos de aprendizagem. Um ambiente desfavorável ressalta a agressividade, o sentimento de incapacidade e tendendo a desencadear comportamentos antissociais. Para Sisto (2002),

Embora não exista uma concordância quanto ao papel desempenhado pelos afetos no processo de conhecer, é consenso o fato de que os

estados afetivos interferem no cognitivo. Também parece haver uma certa concordância quanto ao fato de que as funções afetivas e cognitivas são de natureza distinta, embora indissociáveis, uma vez que não existe conduta afetiva sem elementos cognitivos, nem tão pouco elementos cognitivos desvinculados do afeto.

A família é responsável pelo processo de amadurecimento psíquico e proporciona uma sustentação necessária à individuação. Os pais são responsáveis pela sustentação emocional dos filhos, para que estes encontrem sucesso na aprendizagem escolar, orientando-os para lidar com as frustrações em relação aos modelos de aprendizagem formal. É no ciclo familiar que ocorrem as transformações individuais e coletivas. Essas transformações são maturadas e com o tempo irão se desenvolver no meio social que esta criança se insere.

Como afirma POLITY (1997), os problemas familiares fornecem as condições para que o aprendiz não adquira o conhecimento que lhe é transmitido, por não obter "a autorização para conhecer e, portanto, para aprender, deixando, desta forma de ser considerado aprendiz". A família e a escola precisam formar uma parceria logo nos primeiros anos que a criança é inserida na escola. Se isso acontecesse, ambos iriam contribuir para melhor desenvolvimento psicossocial da criança, fazendo com que a mesma não tivesse atitudes violentas.

Os pais desprovidos de uma conduta favorável ao desenvolvimento psicossocial da criança, tendo uma inclinação para violência poderá interferir de forma positiva na educação de uma criança? Há uma probabilidade que essa criança tenha um comportamento inadequado dentro da escola.

Gardner (1980) nos diz que,

O fracasso escolar e suas manifestações podem estar associados aos problemas que, involuntariamente, impedem o aluno no processo de aquisição de conhecimento, levando-o a apresentar dificuldades ou transtornos emocionais, problemas complexos que advêm de influências familiares.

O psicológico da criança é condicionado pelo social e o primeiro grupo social que a criança e adolescente tem contato é a família. O meio familiar ainda é considerado um espaço privilegiado para o desenvolvimento físico, mental e psicológico de seus membros, tendo como ideal ser um lugar "sagrado" e

desprovido de conflitos.

Muitas crianças na escola podem ter dificuldades de aprendizagem ocasionadas pela violência que sofre ou presencia em sua própria casa. Um lar violento não dará suporte para que ela consiga desenvolver condições psicológicas saudáveis para aprender.

Pois, como diz Weiss (2004, p.23):

Aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento a expressão deste através da produção escolar [...]. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que um ambiente familiar hostil e desequilibrado, pode afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus membros; pois, o aspecto cognitivo e o aspecto afetivo estão interligados. Assim, um problema emocional decorrente de uma situação familiar desestruturada reflete diretamente na aprendizagem.

Segundo Piaget (apud COLL, 1992, p. 170), “o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento (inatismo), nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo)”. Resulta das ações e interações do sujeito com o ambiente onde vive. Todo o conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, através de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou cultural (SANTOS, 2002; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 104).

Desta forma, podemos dizer que o meio influencia diretamente no desenvolvimento de uma criança, a partir do momento em que está sendo gerada no ventre de sua mãe. Uma mãe que convive em um ambiente familiar violento corre o risco do gene alterado da criança ser associado ao estresse, resultando em problemas comportamentais futuros.

Muitas crianças na escola podem ter dificuldade de aprendizagem

ocasionada pela violência que sofrem ou presenciam em sua própria casa. Um lar violento não dará suporte para que ela consiga ter condições psicológicas saudáveis para aprender.

Na teoria de aprendizagem social, Bandura (1973), aponta que a violência pode ser aprendida e passada de uma geração para outra, podendo, talvez constituir um infundável ciclo de violência. Essa teoria postula que os valores, os comportamentos e as condutas anti-sociais dos adultos podem servir como “exemplo” para que a criança imite.

É neste sentido que (FANTE e PEDRA, 2008, p. 93) destaca que:

Se os pais permitem ou reforçam abertamente a agressão, é possível que as crianças se comportem agressivamente em casa e, por generalização, em outros lugares em que sintam ser a agressão permitida, esperada ou encorajada. A presença de um adulto permissivo favorece a expressão do comportamento agressivo.

A criança reflete o que ela vivencia em seu convívio diário. Ela será um espelho de atitudes, maneiras, vocabulário e educação observada por pessoas que a rodeiam. Desta forma, com o passar do tempo ela irá reproduzir, em meios sociais que ela estará inserida, tudo o que foi presenciado.

3. ALTERNATIVAS PSICOPEDAGÓGICAS PARA A MINIMIZAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

Para criarmos alternativas psicopedagógicas que estejam interferindo na aprendizagem do aluno e no meio escolar, precisamos primeiramente entender o que é psicopedagogia, como surgiu e quais os benefícios que ela traz à escola e principalmente aos alunos que precisam de ajuda na aprendizagem. Estando ciente da problemática vivenciada por várias instituições escolares, encontraremos alternativas psicopedagógicas que visem à minimização da violência nas escolas, tanto particulares como públicas.

Na Europa em 1946, foram fundados os primeiros Centros Psicopedagógicos. Os fundadores foram, J. Boutonier e George Mauco, tendo direção médica e pedagógica. Estes centros uniam conhecimentos de diversas áreas, sendo algumas destas, a psicologia, psicanálise e pedagogia, na qual tentavam readaptar crianças que tinham comportamentos socialmente inadequados na escola e atender crianças que apesar de serem bastante inteligentes tinham dificuldades de aprendizagem. (MERY *apud* BOSSA, 2000, p.39).

Na literatura francesa- que como vimos, influencia as ideias sobre psicopedagogia na Argentina (a qual por sua vez, influencia a prática brasileira)- encontra-se, entre outros, os trabalhos de Janine Mery, a psicopedagoga francesa que apresenta algumas considerações sobre o termo psicopedagogia e sobre a origem dessas ideias na Europa, e os trabalhos de George Mauco, fundador do primeiro centro médico psicopedagógico na França,...., onde se percebeu as primeiras tentativas de articulação entre medicina, psicologia, psicanálise e pedagogia, na solução dos problemas de comportamento e de aprendizagem (BOSSA, 2000, p.37)

Com a união dessas três áreas (psicologia, psicanálise e pedagogia), esperava-se que pudessem conhecer o mundo da criança e o seu meio, tendo como intuito compreender o caso vivenciado para que desta forma determinasse uma ação reeducadora.

Há alguns anos pesquisadores sentiram a necessidade de estudar sobre as dificuldades de aprendizagem que os alunos vinham tendo na escola. Muitas

vezes, os alunos não apresentavam nenhum distúrbio e mesmo assim o seu aprendizado era ilimitado. Desta forma, a psicopedagogia teve uma trajetória bastante significativa, tendo um caráter médico-pedagógico.

De acordo com Peres (1998),

A Psicopedagogia passa a despertar a atenção de vários países que, preocupados em os altos índices de fracassos escolares passam a buscar novas alternativas de trabalho. Dentre estes países, na Argentina, a psicopedagogia tem recebido um enfoque especial, sendo considerada uma carreira profissional. (p.42).

Foi em Buenos Aires na Argentina, há mais de 30 anos que a psicopedagogia surgiu, tendo como pioneira a oferecer o curso de psicopedagogia. De acordo com Lino de Macedo, *In Moojen*, 1998.

A Psicopedagogia é uma descoberta e invenção, como área de conhecimento, que alcançou sua especificidade (objeto, método, campos de aplicação, critérios de formação, etc.). “Apenas neste século, ela reuniu e deu estatuto científico e profissional a conhecimentos antes produzidos e disseminados em muitas outras áreas”.

A psicopedagogia é um campo de conhecimento e atuação na área da educação que tem se transformado em campos de estudos focando os processos da construção do conhecimento e nas dificuldades que se apresentam nessa construção. A psicopedagogia atua também como prática preventiva, buscando facilitar a construção do conhecimento. De acordo com Visca (apud BOSSA, 2000, p. 21)

[...] a psicopedagogia foi inicialmente uma ação subsidiada da medicina e da psicologia, perfilando - se posteriormente com um conhecimento independente e complementar possuída de um objeto, denominado de processo de aprendizagem, e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios.

De acordo com Bossa (1994), a Psicopedagogia nasce com o objetivo de atender a demanda – dificuldades de aprendizagem. O campo de atuação se constitui no espaço clínico, institucional, hospitalar e empresarial/organizações. Nesse estudo estaremos propondo alternativas para a minimização da violência

no âmbito institucional.

Para Visca (1987),

A Psicopedagogia nasceu como uma ocupação empírica pela necessidade de atender às crianças com dificuldades na aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela medicina e psicologia. Com o decorrer do tempo, o que inicialmente foi uma ação subsidiária destas disciplinas, perfilou-se como um conhecimento independente e complementar, possuidor de um objeto de estudo (o processo de aprendizagem) e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios. (p.33)

A Psicopedagogia institucional está mais focada principalmente na aprendizagem do aluno, sendo necessário que o psicopedagogo tenha uma integração com os alunos e com a escola. O psicopedagogo para obter um bom diagnóstico, faz-se necessário a observação direta na escola, desse modo, podendo intervir de duas maneiras: A curativa e a preventiva.

O psicopedagogo desenvolve um trabalho curativo e preventivo, utilizando o assessoramento psicopedagógico, que tem como finalidade melhorar o planejamento das escolas, no desenvolvimento de cada área e nas medidas educativas, englobando múltiplas áreas e matérias, ministradas por diferentes professores.

Segundo Fagalli (2001), a psicopedagogia institucional visa à compreensão dos mecanismos inconscientes de uma organização, identificando sua rigidez, bloqueios e possibilidades de aprender, lidando com as mudanças e transformações de condutas, buscando estratégias e formas interventivas para ampliar as possibilidades de aprender, buscando alcançar uma dimensão mais ampla da ação nas múltiplas forças que constituem a própria instituição.

A Psicopedagogia tem como objetivo de estudo avaliar o ambiente da instituição, focando principalmente no desempenho dos alunos diante das dificuldades de aprendizagem enfrentadas por ele, podendo as mesmas estarem relacionadas ao desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e social. A psicopedagogia não se limita apenas á aprendizagem e sim a todo o processo da construção da aprendizagem.

Para Sisto (1996) é uma área de estudos que trata da aprendizagem

escolar, seja no curso normal ou nas dificuldades.

Por outro lado, a psicopedagogia não é apenas o estudo da atividade psíquica da criança e dos princípios que daí decorrem, visto que ela não se limita à aprendizagem da criança, mas abrange todo o processo de aprendizagem e consequentemente, inclui quem está aprendendo, independente de ser criança, adolescente ou adulto. (PORTO, 2009. p. 106)

O psicopedagogo irá identificar a demanda, e logo estudará o caso, criando propostas de intervenções para o melhoramento do aprendizado, trabalhando dentro da dificuldade que o indivíduo apresenta.

Para uma intervenção bem sucedida, o Psicopedagogo levantará hipóteses de como compreender um meio que faça com que este indivíduo aprenda, criando meios e práticas psicopedagógicas que facilitem o aprendizado, respeitando o tempo, as limitações e a singularidade de cada um, visando o melhor desempenho nas atividades propostas dentro e fora da sala de aula.

A organização da intervenção psicopedagógica em nível institucional tem início no diagnóstico onde, através de um olhar alimentado por esse campo do conhecimento, é possível identificar as dificuldades, os obstáculos, relações e possibilidades dos sujeitos envolvidos na instituição. (ESCOTT, 1997, p.311) apud PORTO, 2009. p.118.

Portanto, a competência do psicopedagogo está na árdua tarefa de correlacionar teoria e prática, criando deste modo intervenções que facilitem o aprendizado do aluno diante de suas dificuldades, respeitando a singularidade de cada aluno e suas diferentes condições de assimilações do aprendizado. O psicopedagogo precisa agir baseando seus conhecimentos em teorias, preocupando-se em gerar novos conhecimentos para os alunos com dificuldades de aprendizagem.

A intervenção psicopedagógica focaliza o sujeito na sua relação com a aprendizagem. A meta do psicopedagogo é ajudar aquele que, por diferentes razões, não consegue aprender formal ou informalmente, para que consiga não apenas interessar-se por aprender, mas adquirir ou desenvolver habilidades necessárias para tanto [...]. (RUBINSTEIN, 2001, p. 25).

Não podemos esquecer que nem sempre a dificuldade está no aluno, muitas vezes o professor não sabe como lidar com a turma, passar a matéria e acaba deixando os alunos desinteressados pela matéria, resultando no baixo desempenho escolar e na não aprendizagem da matéria. A metodologia utilizada pelo docente é de extrema importância para conseguir prender a atenção dos discentes. Por isso, muitas vezes, nos deparamos com dificuldades apresentadas no professor e não nos alunos.

Na psicopedagogia clínica trabalhará o profissional terapêutico, constituindo-se em avaliar e diagnosticar as condições da aprendizagem, identificando as áreas de competência e de insucesso do aprendente e a partir daí criar meios e alternativas que facilitem o aprendizado da criança, ressaltando suas habilidades, buscando a superação da dificuldade a partir da potencialização das capacidades e habilidades existentes.

É papel do psicopedagogo conhecer bem o seu paciente, onde estão as suas limitações e ter conhecimento multidisciplinares, pois em um processo de avaliação diagnóstica, é necessário estabelecer e interpretar dados em diversas áreas, dentre elas: auditiva e visual, motora, intelectual, cognitiva, acadêmica e emocional. O conhecimento dessas áreas fará com que o profissional compreenda o quadro diagnóstico do paciente e favorecerá a escolha da metodologia mais adequada, ou seja, o processo corretor, com vistas à superação das inadequações do aprendente.

Foi perceptível então que a Psicopedagogia não se voltava apenas para problemas. A partir de conhecimentos de outras áreas deveria atuar também em outros focos como o social, afetividade, fatores orgânicos, bem como outras causas provenientes das dificuldades de aprendizagem, para que então possa ser pensada uma futura intervenção.

Fernández (2001, pág. 05) relata que:

A intervenção psicopedagógica é muito diferente da reeducação, já que esta última tende a corrigir ou remediar. Assim, muitas crianças são submetidas a métodos reeducativos que tentam uma 'ortopedia mental' como se fosse possível colocar 'próteses cognitivas'.

Não basta apenas pensar e criar métodos generalizados para todos, pois cada indivíduo tem seu tempo e sua dificuldade apresentada. Cabe ao profissional observar as atitudes dentro das seções, avaliar cada ação e palavra dita, sabendo deste modo interagir com seu paciente, de forma que possa colher informações que serão necessárias para a formulação da técnica que estará minimizando a dificuldade do aluno.

Cabe ao psicopedagogo sanar qualquer problemática escolar que esteja interferindo na aprendizagem do aluno. Por isso, visamos à necessidade de desenvolver alternativas que possam minimizar os efeitos da violência escolar.

Diante do que já foi dito sobre a psicopedagogia e suas áreas de atuação, trazemos alternativas da prevenção ou da minimização da violência escolar, tendo em vista que teremos uma demanda institucional, para que dessa forma possamos estar atuando com uma intervenção adequada para a necessidade atual.

Visamos que a escola precisa ir além de campanhas, pequenos grupos, terapias individuais, cursos de aperfeiçoamento para professores entre outros meios existentes na escola. A escola precisa de uma prática focada na violência, principalmente aquelas instituições que tem um grande índice de atos violentos. É na escola que o aluno terá o seu desenvolvimento individual, devendo ser a instituição um dos contextos sociais que estimule as habilidades intelectuais, sociais. Logo, precisamos encarar com seriedade a problemática da violência na escola.

Nas afirmativas de Fante (2008, p.02) “as ferramentas mais eficazes para ensinar regras de convivência saudável aos filhos são o afeto incondicional, o diálogo e as atividades educativas, como jogos esportivos, aulas de arte e ações solidárias”, logo, a família deve ter um vínculo amoroso com a criança, deve-se investir em valores, educação e respeito, esquecendo a violência.

Sendo a violência algo complexo e vindouro de múltiplas causas, defendemos o ingresso da família no meio institucional perante esta discussão, fazendo-se presente do conhecimento sobre a violência de um modo geral e a

relação de sua criança com essa realidade. O psicopedagogo deverá integrar pais, alunos, professores e todos os gestores escolares. Por mais que a escola esteja desenvolvendo um trabalho de prevenção a violência com os alunos, precisará do cerco familiar contribuindo para o entendimento do respeito e do amor ao próximo.

Propomos medidas socioeducativas para os pais nas instituições de ensino, tendo como objetivo a socialização e o aproximamento desses com a escola. Programações diversificadas para toda a família, tendo como foco o debate sobre a violência e o modo como a criança está sendo tratada dentro de seu ambiente familiar.

Uma atuação psicopedagógica visando apenas o trabalho com os alunos, professores ou com a família individualmente provavelmente nos trará resultados incompletos, já que a criança precisa de um lar saudável e psicologicamente equilibrado para poder socializar-se.

A principal intervenção psicopedagógica que propomos para a minimização dos efeitos maléficos à aprendizagem escolar em crianças socialmente vulneráveis é o estabelecimento de diálogo e desenvolvimento de processos grupais com os indivíduos envolvidos, sendo eles: escola- aluno- família. Destes três sujeitos, quem fará o diferencial será o terceiro sujeito, tanto na materialização da introdução familiar no ambiente vivido, como no desafio de torná-lo consciente de sua importância como ser educativo. Segundo afirmação de Munhoz (2003, p. 8), “a família se faz presente desde os primeiros momentos da criação de um novo ser. Se quisermos conhecer o sujeito que aprende, temos que compreender em que contextos a aprendizagem acontece”.

Enquanto a escola e a família não se conscientizarem que precisam se unir, criar um triângulo em prol da criança, o desenvolvimento da mesma estará comprometido. Uma família que participa da vida escolar do filho e uma escola que convida e recebe os pais de braços abertos estará demonstrando interesse em ajudar nas problemáticas vivenciadas por ambas (seja na escola ou em casa).

4. METODOLOGIA

Este trabalho monográfico se baseia na realização de uma pesquisa do tipo qualitativo, caracterizada como exploratória, bibliográfica, de campo e estudo de caso.

Este trabalho teve como pesquisa do tipo exploratória, em que o pesquisador desenvolveu aproximação ao tema da violência visando uma familiaridade maior com essa temática. Essa aproximação ocorreu por meio de informações já disponíveis a respeito da violência obtidas com entrevistas, visitas à escola e bibliografias. Ainda segundo os objetivos, classificamos como descritiva, já que descrevemos o fato ou fenômeno da violência de uma escola específica, fazendo observações sistemáticas e levantamento das características conhecidas, ou os componentes que fazem parte do fato, fenômeno e processo.

Segundo as fontes de dados, essa é uma pesquisa de campo por ter a escola como o lugar natural onde acontecem os fatos sobre a violência. Nessa pesquisa de campo, coletamos dados e fizemos uma observação direta da realidade escolar. Essa pesquisa é também bibliográfica por ter utilizado como fonte de dados livros, periódicos, relatórios e em materiais gravados, dados já organizados e analisados como informações e ideias prontas.

Segundo os procedimentos de coleta de dados a investigação feita é considerada levantamento e estudo de caso. Levantamento por ter ido diretamente ao grupo envolvido no fenômeno. O levantamento realizou-se por meio de questionários aplicados diretamente nos indivíduos. Sendo os dados coletados tabulados e analisados. É uma pesquisa do tipo estudo de caso por ter como objeto um fenômeno de estudo restrito que buscou reconhecer um padrão científico já delineado.

Foi aplicado questionário em alunos do ensino fundamental do oitavo ao nono ano (ver apêndice). Optamos por esse instrumento por entender que este representa um dos meios mais eficazes para testar as hipóteses levantadas de forma precisa. Por meio de questões do tipo “fechadas”, apresenta um conjunto de alternativas de respostas no intuito de se obter aquela que melhor representa o

ponto de vista do aluno entrevistado. Os alunos que compuseram a amostra são da faixa etária entre catorze a dezesseis anos e foram interrogados sobre a violência na escola, violência em casa, o que entendia por violência, se é contra ou a favor de palestras escolares referentes à violência, e a opinião de cada um sobre futuras reuniões dos pais para a conscientização dos males que a violência traz à vida do aluno. Por meio do conteúdo coletado pelo instrumento adotado, elucidamos as causas da violência vivida na comunidade pesquisada. E assim, compreendendo “o que é” e “como é” essa violência vivida por essas pessoas e suas implicações na aprendizagem, propomos alternativas psicopedagógicas para minimização ou superação da problemática.

5. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A partir de observações realizadas no contato direto com a realidade e coleta de dados junto aos alunos, obtivemos dados sobre a violência escolar, por meio de um questionário, formado por dez questões do tipo “fechadas”. Os dados obtidos foram trabalhados e lançados em gráficos e tabelas, analisados criteriosamente, a luz de referências sobre a temática da violência escolar. As questões direcionadas aos alunos buscaram identificar a opinião que estes têm sobre a violência, se já tinham presenciado ou sido vítima de algum tipo de violência dentro da escola, entre outros questionamentos.

Na coleta de dados realizada junto aos alunos do oitavo ao nono ano, com faixa etária entre catorze e dezesseis anos de uma escola Estadual do município de João Pessoa, quarenta alunos foram entrevistados. Sendo assim, vinte e quatro alunos do sexo feminino, equivalente a 60% e dezesseis alunos do sexo masculino, sendo 40%. Dos alunos questionados, dez alunos tinham catorze anos, sendo 25%, oito alunos tinham quinze anos, o que equivale a 20%, dezessete alunos tinham treze anos, equivalendo a 42,5% e cinco alunos entrevistados tinham como idade 16 anos, 12,5% dos pesquisados. Sobre a escolaridade, vinte e três alunos - 57, 5% - são do oitavo ano, e dezessete alunos - 42,5% - do nono ano.

A partir da aplicação do questionário, podemos obter dados de como é constituído o núcleo familiar que este aluno está inserido. Apenas doze entrevistados, 30% do total, moravam com o pai e a mãe. Treze alunos entrevistados, 32,5% da amostra, moram apenas com a mãe. Apenas um aluno, 2,5% da amostra, mora com o pai. Sete alunos, 17,5% da amostra moram com mãe, pai e irmão(s). Apenas um aluno, 2,5% da amostra, mora com a mãe e o padrasto. Dois alunos, 5% dos entrevistados, responderam que moram com avós. Um aluno, 2,5% dentre os investigados, mora com a mãe e os irmãos. Apenas um aluno, 2,5% da amostra, respondeu que mora com mãe, pai, avós e irmãos. Um

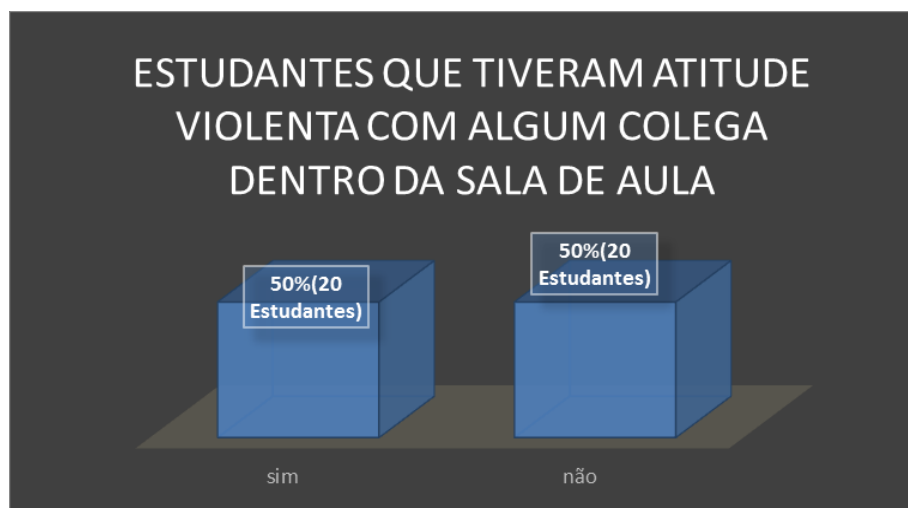
entrevistado, 2,5% da amostra, mora com mãe, avós e irmãos. E para finalizar, um aluno, 2,5% dos entrevistados, mora com avó, tios e mãe.

Observando os dados revelados pelo gráfico 1 da pesquisa, podemos identificar que dos quarenta alunos entrevistados vinte, 50% da amostra, já provocaram atitude violenta com algum colega na sala de aula. E vinte alunos, 50% do total investigado, não estiveram provocaram qualquer atitude violenta com colegas dentro da sala de aula. Pelos dados constatados no Gráfico 1, podemos perceber que metade dos alunos já provocou atitude violenta com algum colega dentro da sala de aula.

Portanto, torna-se impossível ignorar a violência no contexto escolar ou em qualquer ambiente que o “aprender” e o “educar” esteja relacionado diretamente ou indiretamente. Desta forma, temos que ter a conscientização de que a prática da violência escolar precisa ser trabalhada de forma singular, focando no motivo real da existência dessa violência escolar.

Ao constatarmos que a violência atingiu e vem atingindo de forma crescente as escolas fomos impulsionados a refletir sempre mais acerca do fenômeno. Inúmeras perguntas foram surgindo, algumas delas servindo para trabalharmos na elucidação do fenômeno outras apontando para pesquisas futuras.

Gráfico 1

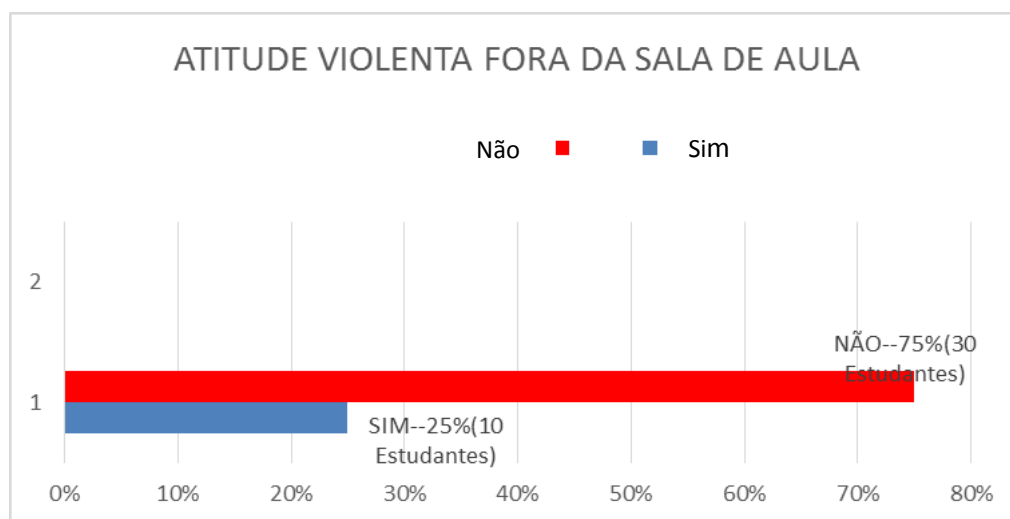


Conforme iremos observar no Gráfico 2 dez alunos, 25% dos alunos entrevistados, responderam que já provocaram atitudes violentas fora da sala de aula, o que significa que assumiram já terem promovido um comportamento violento. Trinta alunos, 75% da amostra, disseram que não provocaram qualquer atitude violenta fora da sala de aula.

Diante deste gráfico e observando o gráfico anterior, podemos constatar que o número de estudantes que responderam já terem tido algum tipo de violência dentro da sala de aula foi maior dos que responderam fora (área externa), o que nos faz refletir de como os alunos não sentem limitados ou inibidos pela presença de uma autoridade da escola.

A violência no ambiente escolar também pode estar relacionada com os comportamentos dos professores. A falta de relacionamento sadio com os alunos pode estar interligada com a violência que acontece dentro da sala de aula. Outros fatores que podem fazer com que haja violência são: dificuldades em lidar com estudantes de camadas sociais diferentes, despreocupação ou falta de conhecimento ou despreparo no transmitir o conhecimento daquilo que ensina e como ensina.

Gráfico 2



Fonte: Primária

Analisando o Gráfico 3, iremos identificar que dos quarenta alunos entrevistados, 33 alunos, o que nos dá 82,5%, disseram que não costumam provocar colegas dentro da sala de aula ou no colégio. E sete estudantes, 17,5% da amostra, admitiram que costumam provocar colegas na sala de aula ou no colégio. Esse índice de provocação sendo baixo, nos leva a pensar que provavelmente os casos de bullying talvez sejam baixos.

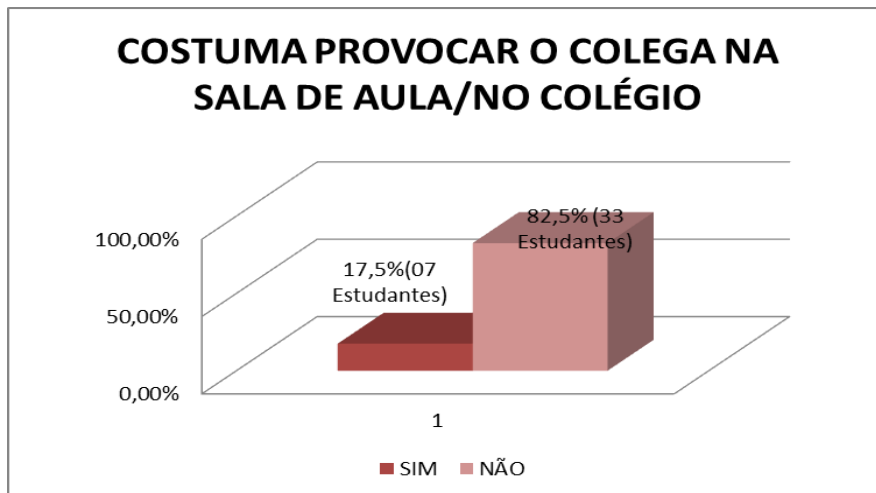
A provocação na escola pode vir por xingamentos ou palavras de baixo calão, atitude enquadrada na violência verbal, na qual o agressor irá ofender a moral do outro colega.

O bullying é uma forma de violência primeiramente ligada à violência verbal. Ele está relacionado com xingamentos repetitivos e intencionais, que acontecem sem nenhuma justificativa aparente. Para Lopes Neto (2005),

Compreende todas as atividades agressivas intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser consequência da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.

Alunos que provocam incessantemente colegas, geralmente tem uma personalidade agressiva, são geniosos e respondem agressivamente quando são atacados ou insultados. “Pode ser uma criança hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora. Em casa, normalmente, são expostas a violência doméstica e possuem pais punitivos” (PEREIRA, 2009).

Gráfico 3



Fonte: Primária

Gráfico 3: Número de estudantes segundo o costume de provocar colega na sala de aula ou no colégio, 2013.

Diante da tabela 1, exposta abaixo, podemos afirmar que dos alunos entrevistados, 52,50% disseram já terem sofrido algum tipo de violência, ou seja, dos 40, 21 alunos já sofreram com violência escolar. Dos que já foram vítimas, perguntamos se o tipo da violência teria sido física ou verbal. Logo, 12 alunos responderam que teriam sofrido violência verbal, o equivalente a 57,10%. Já na violência física, 6 afirmaram já terem sofrido, o que nos remete a 28,60%. Referente a violência física e verbal, 3 alunos admitiram já terem sofrido os dois tipos de violência, ou seja, 14,30% dos 52,50%.

Ainda segundo análise da tabela, dos 40 alunos entrevistados, 19 ou seja, 47, 50% dos alunos, responderam que nunca sofreram nenhum tipo de violência na escola, nem física, nem verbal.

Diante disto, mais da metade dos alunos já sofreram algum tipo de violência na escola, o que nos leva a pensar qual o motivo que um aluno teria atitudes violentas com outro colega. Conforme vimos, podemos concretizar que a violência realmente está presente entre os alunos e vem crescendo com o passar do tempo. Segundo constatamos, o índice de violência verbal tem

ocorrido com maior frequência nas instituições escolares, nos levando a crer que a presença do bullying de forma direta, a qual está incluída a violência física e verbal, na qual o agressor apelida e insulta de modo pejorativo a vítima.

Tabela 1

SOFREU VIOLÊNCIA?		DENTRE OS QUE SOFRERAM ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA. QUAL TIPO?	
SIM	52,50%	VERBAL	57,10%
NÃO	47,50%	FÍSICA	28,60%
		VERBAL E FÍSICA	14,30%

Tabela primária

Tabela 1; segundo o número de estudantes que já sofreu algum tipo de violência, podendo ser física ou verbal, 2013.

Estudando o Gráfico 4, podemos observar que dos quarenta alunos entrevistados, 36 já presenciaram alguma violência na escola, ou seja 85% do total. Logo, apenas 6 estudantes, 15%, nunca presenciaram qualquer tipo de violência na escola. Deste modo, o número de alunos que nunca viu uma violência na escola é muito pequeno. Os dados coletados da realidade observada apontam para um ambiente escolar pesado, violento e tenso e desconfortável/incômodo para alunos que não tem em suas práticas sociais a violência.

A problemática da violência na escola, de certa forma, se reproduz na escola enquanto ambiente que instrui e constrói o cidadão para toda a vida. Segundo a Revista Veja (maio de 1996), uma reportagem sobre essa temática nos mostra um fator que colabora para um comportamento agressivo e indisciplinado na escola. Esse fator seria a falta de educação em casa, ou seja o comportamento dos pais perante seus filhos. Desta forma, regras básicas e primárias de convivência social não estariam sendo passada de pais para filhos. Nesta

perspectiva, podemos perceber que a forma como a família se configura repercute no comportamento do aluno na escola. Assim, compreendemos que a família organizada de forma equilibrada é a raiz para um desenvolvimento sadio. Este desenvolvimento não acontecendo, geralmente, traz sérias consequências para a criança, tanto em seu meio social (seja na escola ou apenas com os amigos), no seu psicológico e consequentemente no seu aprendizado.

Deste modo, Minayo (1999) afirma que:

A família é uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde ao mesmo tempo se vivem as relações primárias e se constroem os processos identificatórios. É também um espaço em que se definem papéis sociais de gênero, cultura de classe e se reproduzem as bases de poder (p. 83).

Minayo e outros colaboradores mencionados no decorrer deste trabalho, concretizam a nossa ideia sobre a importância da família e sua influência no comportamento agressivo de um aluno. Um indivíduo não se torna violento do nada, sem nenhum fator influente, algo acontece ou aconteceu para que o mesmo exibisse um comportamento desfavorável com uma conduta normal.

Gráfico 4

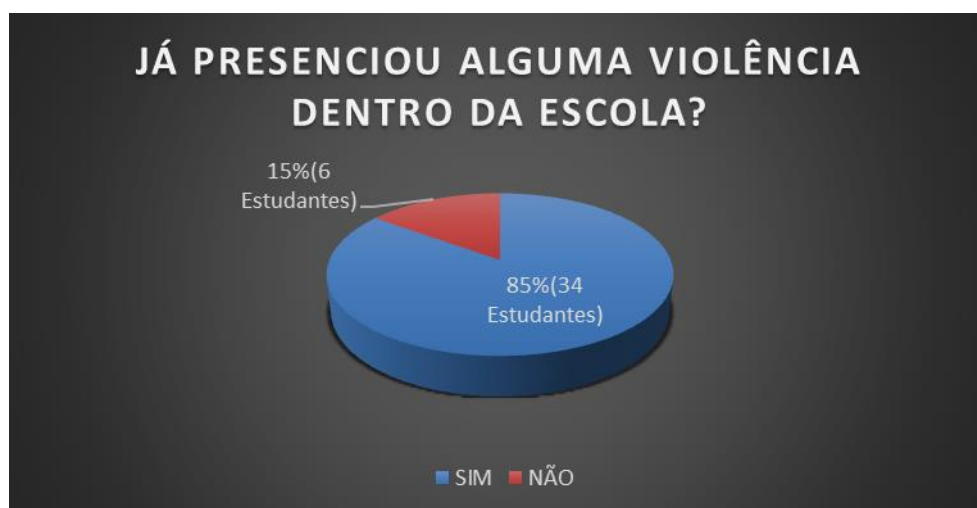


Gráfico Primário

Gráfico 4; segundo o número de estudantes que já presenciou algum tipo de violência na escola, 2013

Podemos observar no Gráfico 5 a opinião dos alunos em relação ao preparo da escola para lidar com o fenômeno da violência. Segundo a visão de vinte e sete estudantes, 67,5% dos entrevistados, a escola não tem a preparação para abordar e discutir a temática da violência na escola. Contudo, na opinião de 32,5% dos entrevistados, ou seja treze alunos, a escola está preparada para trabalhar o assunto da violência com os alunos.

Hoje o papel da escola vai além de formação acadêmica, agregando também funções como a socialização, formação de caráter e cidadania. Logo, podemos dizer que a escola precisa estar devidamente preparada para acolher e reeducar os alunos com atitudes violentas que vieram de lares desestruturados e violentos. Esses alunos precisarão de um apoio especializado, profissionais preparados e qualificados para atender a demanda de alunos com práticas violentas nas escolas.

Segundo Minayo (1999), uma escola ideal é exatamente a escola que favoreça um ambiente saudável e de formação para a cidadania, logo:

É aquela que respeita e estimula os alunos a pensar. São escolas em que, além de o aluno aprender as matérias, se permite que ele cresça como pessoa e cidadão. Ou seja, ela é a instituição que realiza, ao mesmo tempo, sua função de construir conhecimentos, convivências, experiências e crítica social e, assim, cumpre importante papel socializador.

Portanto, consideramos que a função da escola diante da violência escolar é primeiramente reconhecer que a violência é algo presente na escola e que precisa ser tratada, criando meios e técnicas visando à minimização ou a prevenção da mesma. Para isso, necessita-se de uma equipe formada por profissionais qualificados que se debruçam diante do problema enfrentado.

Gráfico 5



Fonte Primária

Gráfico 5; opinião dos alunos sobre a preparação da escola para lidar com o assunto da violência, 2013.

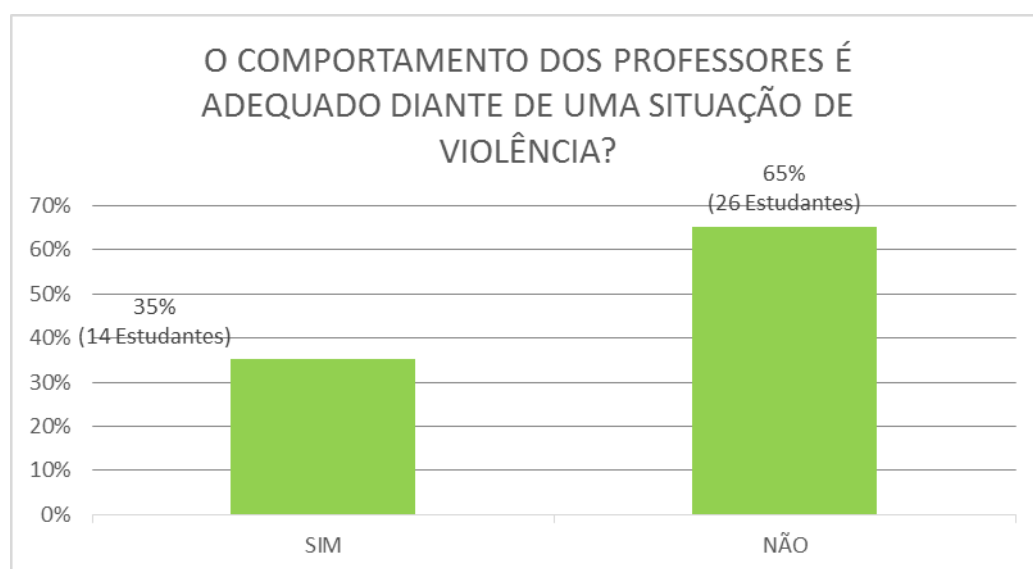
Conforme demonstrado no Gráfico 6 a opinião dos alunos em relação ao comportamento dos professores perante a violência não tem sido adequada, pois, dos quarenta alunos entrevistados, vinte e seis estudantes, ou seja 65%, disseram que os professores não tem agido de uma forma apropriada para essa determinada situação. Apenas 14 estudantes, 35% dos entrevistados, afirmaram que os professores tem agido corretamente em uma situação de violência.

Correlacionando o gráfico 1 (que fala sobre a violência dentro da sala de aula), com o gráfico 6, fica reafirmado o dito pelos alunos. No gráfico 1 metade dos estudantes entrevistados já tiveram atitude violenta dentro da sala de aula, o que sugere, muitas vezes, presenciadas por professores, pois o índice de comportamentos violentos é alto. Logo, podemos compreender que os professores sentem-se perdidos diante da situação. E que talvez fiquem inerte diante das dúvidas: qual o papel do professor perante essa situação? Seria apenas observar? Intervir sozinho em situações nas quais muitas vezes os estudantes ameaçam e agridem os professores? Diante dessas circunstâncias, podemos reafirmar a

importância de uma equipe multidisciplinar preparada para instruir esse professor em uma situação de violência.

A equipe multidisciplinar deve ser formada por psicólogos, pedagogos e psicopedagogos. Cada um trará contribuições específicas de sua área para o tratamento dessa demanda dentro e fora da sala de aula. Essa mesma equipe, tem formação que os capacita/habilita a criar alternativas voltadas para o tratamento da violência escolar.

Gráfico 6



Fonte Primária

Gráfico 6; número de estudantes sobre o comportamento adequado dos professores diante uma situação de violência, 2013.

Analisando o Gráfico 7, podemos perceber que a escola está precária quando o assunto é violência escolar. Dos quarenta estudantes que entrevistados, trinta, 75%, responderam que a escola não desenvolve qualquer ação voltada para a minimização e/ou combate à violência. Já 25% dos estudantes, que equivale a 10 alunos, afirmaram que a escola oferece sim um trabalho voltado para a violência.

Fundamentado no que foi estudado, podemos afirmar que a escola precisa conscientizar-se deste mal que adentrou às instituições de ensino. Não podemos deixar que a violência se torne algo comum em nosso dia-a-dia, ao ponto de ser vista pela sociedade (incluindo a escola), como algo natural, aceitável ou imutável. Por isso, enfatizamos a ideia de trabalhos específicos voltado para a violência, tentando desta forma, fazer com que alunos (re)signifiquem o que presenciaram em seu meio familiar.

Gráfico 7



Fonte Primária

Gráfico 7; número de estudantes segundo a existência de algum trabalho na escola voltado para a violência, 2013.

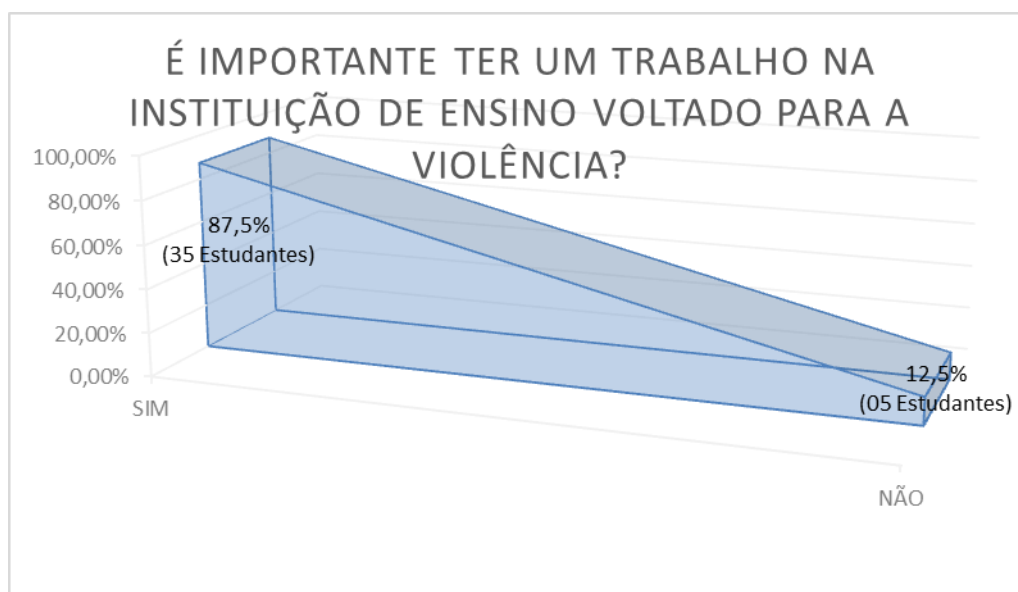
Como podemos observar no Gráfico 8, dos quarenta alunos entrevistados trinta e cinco - 87,5% - acham necessário um trabalho voltado para a violência na escola. Já 12,5%, equivalente a 5 estudantes não acham importante que a escola desempenhe um trabalho visando a violência.

Nos tempos de hoje, a escola é desafiada pela sociedade e pelos pais dos alunos a assegurar uma convivência sadia em seu espaço educativo. Diante de toda violência já presenciada na escola, os alunos podem estar saturados de presenciarem tanta violência na escola e muitas vezes não perceber um projeto

que desenvolva a inserção de valores primários, amor ao próximo e principalmente respeito ao colega.

Muitas vezes os profissionais escolares acabam se acomodando com a presença da violência na escola e acabam minimizando a importância de trabalhos que enfatizem a violência escolar.

Gráfico 8

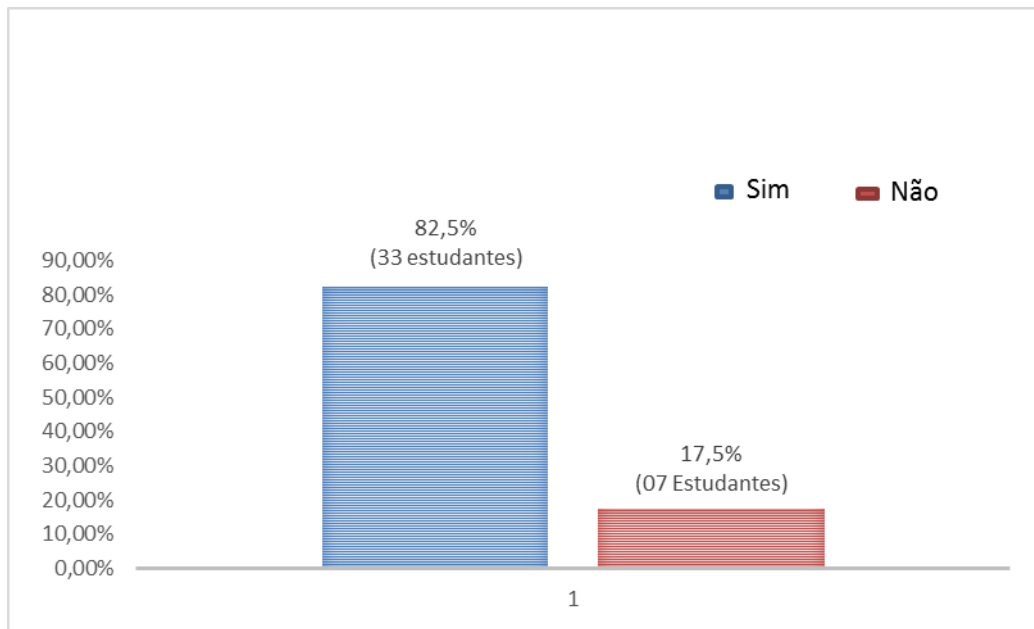


Fonte Primária

Gráfico 8; número de estudantes segundo a importância de um trabalho na instituição de ensino, voltado para a violência escolar, 2013.

Diante dos dados do Gráfico 9, identificamos que dos quarenta estudantes entrevistados trinta e três - 82,5% - reconhecem que se a escola desenvolvesse ações voltadas à minimização e/ou erradicação da violência escolar, existiria uma melhora no relacionamento entre colegas de sala. Enquanto que, sete estudantes, equivalente a 17,5%, afirmam que um trabalho voltado para a violência não resultaria em uma melhora nos relacionamentos entre colegas.

Gráfico 9



Fonte Primária

Gráfico 9; número de estudantes segundo a melhoria do relacionamento entre colegas de escola, se existisse um trabalho sobre a violência escolar, 2013.

Avaliando os dados obtidos e a vivência na realidade pesquisada, compreendemos que os alunos também demonstram preocupação com o fenômeno da violência escolar com a qual (con)vivem. Os alunos desejam uma escola onde não ocorra violência com os colegas, nem com os professores. Na qual a aprendizagem e o coleguismo estejam presentes em cada sala de aula. Muitos alunos vem de um lar conflituoso, em os pais não se respeitam, não oferecem referências de valores positivos e onde, principalmente, não existe amor. E é na escola que esses alunos precisam suprir a falta de ensinamento/referências que não recebem em casa.

A escola é um espaço educativo no qual o indivíduo deve aprender conteúdos acadêmicos e de “formação do ser”. Para tanto, é imprescindível existir uma atmosfera favorável à construção/desenvolvimento cognitivo/afetivo do aprendente, promovido pela harmonia entre professores, alunos e funcionários. A

instituição escolar, enquanto espaço de formação do ser e da sociedade é lugar de construção de vínculos afetivos e as relações vividas na convivência com colegas, professores e demais agentes escolares compõem elementos fundamentais na constituição de um ambiente escolar saudável, livre de brigas, discussões conflituosas e violência.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esse trabalho resultou na sensação de ter enfrentado inúmeros desafios, próprios das grandes questões sociais/educacionais/escolares na perspectiva da Psicopedagogia, em que o foco foi sempre “dificuldades para aprender”.

As constatações feitas na realidade estudada nos levaram a estudar e discutir a violência familiar a qual compreendemos ser a mais influente para o desenvolvimento de práticas violentas no ser em processo de escolarização, podendo fazer com que o mesmo produza atos e hábitos de agressão ao meio em que vive em geral e especificamente à escola. Desenvolvendo obstáculos para sua aprendizagem e de outros alunos com os quais convivem nas áreas comuns a todos da escola ou na sala de aula.

A pesquisa exploratória realizada nos possibilitou compreender o fenômeno e instigar para novos estudos capazes de elucidar, de forma mais amadurecida, as dificuldades existentes no desenvolvimento de processos de aprendizagens escolares bem sucedidos em contextos afetados pela violência, que em nossa experiência é oriunda da família/sociedade. O estudo nos evidenciou o quanto a violência que se apresenta na escola é um fenômeno complexo para ser elucidado, visto que esta se configura como algo que reflete a violência originada em outros espaços sociais. Vimos que o fenômeno também, e tão, presente na vida familiar do aluno, o acompanha até a escola e age como sombra que abriga máculas em seu ser e manifesta-se em sua condição limitada de manter-se com a tranquilidade necessária ao desenvolvimento de aprendizagens de conceitos acadêmicos e valores positivos para construção de um cidadão/aprendente saudável.

Os resultados aqui alcançados trazem a satisfação do dever cumprido pelo esforço empreendido na busca pela compreensão do fenômeno em sua extensa complexidade em um período de tempo reduzido que é oferecido para que uma

pesquisa seja desenvolvida, e seus resultados sejam apresentados. Contudo, avaliamos que a realização desse trabalho foi extremamente positiva, nos estimula a dar continuidade para fundamentarmos ainda melhor nossa visão e condição de desempenharmos o relevante papel interventivo que tem o profissional da psicopedagogia às demandas geradas pelas dificuldades de aprendizagem em contextos de violência escolar. Desenvolvendo alternativas psicopedagógicas possibilita(dor)as de práticas eficazes junto a tríade para atuação do psicopedagogo: aluno, escola e família.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi. **Psicologias – uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- BONOMI, A. **Pré-natal humanizado – gerando crianças felizes**. São Paulo: Atheneu.
- BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.
- BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre. Artes Médicas, 2000.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude, **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975
- CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n1/a09v27n1.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.
- CHAUÍ, Marilena. Ética e violência. In: Teoria e Debate, nº39, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- FANTE, C. e PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidades de ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
- GARDNER, R A. **Casais separados: a relação entre pais e filhos**. São Paulo: Martins Fontes; 1980.
- GUARESCHI, A. P. SILVA, M. R. da. (Coord.) **Bullying Mais Sério do que se imagina**. 2ª. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, EDIPUCRS, 2008.
- KOLLER, S. H. **Violência doméstica: uma visão ecológica**. In AMENCAR (org.), Violência doméstica (pp. 32-42). Brasília: UNICEF, 1999.

LOPES NETO, A. A. Bullying: Comportamento Agressivo entre Estudantes. **Jornal de Pediatria**, (Rio J.) nº. 81, nº.5 suppl. Porto Alegre, Nov. 2005.

MINAYO M. C. de S *et al.* (org.). **Fala, galera**: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MONTEIRO, L. O que todos precisam saber sobre o Bullying. **Jornal Jovem**, nº 11, setembro de 2008. Disponível em: <http://www.jornaljovem.com.br/edicao11/convidado03.php>.> Acessado em: 02 de dez de 2013.

MOOJEN, S. Dificuldades ou transtornos de aprendizagem? *In*: Rubinstein, E. (Org.). **Psicopedagogia**: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MUNHOZ, MARIA Luiza Puglisi. Educação e família numa visão psicopedagógica sistêmica. *In*: MUNHOZ, MARIA Luiza Puglisi (Org). **Questões familiares em temas de Psicopedagogia**. São Paulo: Memnon, 2003.

OLIVEIRA, Dayane Aparecida Lacerda; OLIVEIRA, Juliene Aglio de. **Proteção Social Especial**: o enfrentamento a Violência contra a mulher. Disponível em:<<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/1968/2097>>. Acessado em: 09 de dez de 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **World report n violence and health**, Genebra: WHO, 2002.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PERES, Maria Regina. **Psicopedagogia**: aspectos históricos e desafios atuais. *In*: **Revista de educação**. PUC-Campinas, v3, n. 5, p.41-45, novembro 1998.

POLITY, E. Inibição intelectual e tramas de lealdade familiar. **Insight-Psicoterapia** 1997.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia Institucional**. Teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. Ed 3. São Paulo Wak. 2009.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora. Fundação Perseu Abramo, 2004.

Sinclair, D. **Understanding wife assault** – a training manual for counsellors and advocates. Ontario: Publications Ontario, 1985.

SISTO F F. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**.

Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SISTO, F. F. **Estudo do funcionamento diferencial de itens para avaliar o reconhecimento de palavras.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167704712006000100002&script=sci_arctext&tlng=en>. Acessado em: 16 dez. 2013.

SOUZA, V. L. N. de. **A Violência contra a Mulher e a Proteção Social: estudo sobre as ações da Prefeitura Municipal de Belém destinadas às mulheres.** Belém. 2006. 160 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) -Universidade Federal do Pará, Pará. 2006.

TELES, Maria Amélia de A.; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

VISCA, Jorge. **Técnicas Proyetivas psicopedagogica .** Buenos Aires – A. G, Serviços gráficos – 1995.

Revista VEJA, maio, 1996, Brasil.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem.** 10ª edição. Rio de Janeiro: editora DP&A, 2004.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM
PSICOPEDAGOGIA**



QUESTIONÁRIO

Sexo/Gênero: _____

Idade: _____ **Escolaridade:** _____

Mora com quem: _____

1º. Você já foi violento com algum colega dentro da sala de aula?

Sim () Não ()

2º. Já brigou fora da sala de aula (área externa do colégio)?

Sim () Não ()

3º. Costuma provocar os outros alunos da sala e do colégio?

Sim () Não ()

4º. Você já sofreu algum tipo de violência?

Sim () Não ()

Se SIM, qual tipo?

Verbal () Física ()

5º. Já presenciou alguma violência dentro da escola?

Sim () Não ()

6º. Você acha que a escola está preparada para abordar esse assunto?

Sim () Não ()

7°. Na sua opinião, o comportamento dos professores é adequado diante de uma situação de violência?

Sim () Não ()

8°. A escola em que estuda oferece algum trabalho voltado á violência?

Sim () Não ()

9°. Em sua opinião, seria importante um trabalho voltado para á violência escolar?

Sim () Não ()

10°. Se existisse um trabalho voltado para a violência escolar, na sua opinião o relacionamento entre colegas de escola iria melhorar?

Sim () Não ()